



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I- CAMPINA GRANDE  
CENTRO EDUCAÇÃO- CEDUC  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**JORDANA DE SOUSA PESSOA**

**SÍNDROME DE DOWN, FAMÍLIA E ESCOLA: uma análise a partir da Residência  
Pedagógica**

**CAMPINA GRANDE  
2024**

JORDANA DE SOUSA PESSOA

**SÍNDROME DE DOWN, FAMÍLIA E ESCOLA: uma análise a partir da Residência Pedagógica**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

**Área de concentração:** Educação

**Orientador:** Prof. Me. Diêgo de Lima Santos Silva.

**CAMPINA GRANDE  
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P475s Pessoa, Jordana de Sousa.

Síndrome de Down, família e escola [manuscrito] :  
uma análise a partir da residência pedagógica /  
Jordana de Sousa Pessoa. - 2024.

54 p. : il. colorido.

Digitado. Trabalho de Conclusão de Curso  
(Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual  
da Paraíba, Centro de Educação, 2024. "Orientação :  
Prof. Me. Diêgo de Lima Santos Silva ,  
Departamento de Educação - CEDUC. "

1. Síndrome de Down. 2. Processo ensino-  
aprendizagem.
3. Relação família-escola. I. Título

21. ed. CDD  
370.115

JORDANA DE SOUSA PESSOA

**SÍNDROME DE DOWN, FAMÍLIA E ESCOLA: uma análise a partir da Residência Pedagógica**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Área de concentração: Educação

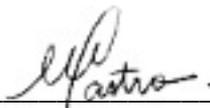
Aprovada em: 29/05/2024.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Me. Diêgo de Lima Santos Silva (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dra. Paula Almeida de Castro (1ª Membro avaliadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dra. Tatiana Cristina Vasconcelos (2ª Membro avaliadora)  
Instituto Federal da Paraíba (IFPB)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus e a toda espiritualidade por ter dado forças e sabedoria para concluir mais essa etapa em minha vida acadêmica.

Agradeço também a meus pais, a minha mãe que apesar de toda dificuldade sempre esteve presente apoiando de alguma forma meus sonhos e também em memória ao meu pai, um dos seus maiores sonhos era ter um filho formado e hoje onde ele estiver sei que está feliz por ver a concretização da minha segunda graduação.

Aos meus avós Chico Morais e Anita Morais meu ponto de acolhimento e sabedoria, em cada abraço e conselhos eu sentia o amor de Deus por mim, hoje são meus intercessores no céu e com certeza estão felizes em vê essa vitória em minha vida.

Aos meus amigos e irmãos de coração Katyelle, Lucas, Daiene, Rayane e Elane que mesmo em meio as dificuldades sempre seguraram minha mão e não me deixaram cair, minha vida tem mais sentido com a amizade de cada um. A minha amiga e colega de curso Ana Paula, um presente especial que a graduação em pedagogia proporcionou, obrigada pela parceria e tantos momentos compartilhados ao longo do curso.

Agradeço em especial a Luan, nunca me deixou sozinha e que no momento de maior aflição durante minha depressão e perda dos meus avós ele deu forças para superar todas as dificuldades, ele foi meu ponto de apoio e segurança a ele devo meu renascimento.

A minha preceptora durante o período da Residência Pedagógica a professora Marcyane, seu carinho, atenção, ensinamentos e acolhimento abriram meu coração para entender que meu caminho é a educação.

Agradeço também a CAPES pela oportunidade da participação do programa Residência Pedagógica, cujo foi primordial para minha formação como profissional na área da educação.

Agradeço profundamente ao meu orientador Diego, pela confiança em meu trabalho, a todo momento esteve presente com suas excelentes explicações e seu jeito carinhoso de direcionar o caminho a ser traçado durante o TCC.

Este trabalho vai além do acadêmico, ele é fruto de muitas lutas e abdições. Uma trajetória de vitória feita em meio a várias perdas importantes em minha vida e em todas elas conseguir ter forças para levantar e continuar a lutar, mesmo que em muitos momentos acreditei que era o fim.

“É justo que muito custe o que muito vale”  
Santa Teresa d’Ávila

## RESUMO

No campo Educacional os desafios enfrentados pelos professores são os mais diversos, dentre eles podemos citar as salas de aulas com uma diversidade de alunos, suas dificuldades e especificidades, cada um com sua particularidade, outro ponto importante é a relação familiar do aluno com a escola. Diante disso, o presente trabalho tem como finalidade trazer a importância da participação ativa da família no processo de ensino-aprendizagem e o quanto essa participação é importante para o desenvolvimento da criança. O objetivo geral do trabalho foi analisar o papel que a família desenvolve em consonância com a escola no processo de ensino-aprendizagem de uma criança com Síndrome de Down. A metodologia utilizada para fundamentar o trabalho foi a Etnografia através da observação participante acompanhando e analisando os fatos dentro do contexto estudado em campo, por meio do programa de Residência Pedagógica., como também a pesquisa qualitativa, por meio de entrevistas com a professora regente e a cuidadora social do aluno. Com os resultados obtidos foi possível verificar que através da participação ativa da família na escola, a criança ou adolescente tem relevantes avanços no contexto escolar e social, diferentemente daqueles que não tem esse aparato familiar. Espera-se que os resultados obtidos sejam significantes para a importância da temática família e escola e que proporcione importantes reflexões para uma participação mais efetiva dos familiares de alunos atípicos.

**Palavras-Chave:** Parceria; Síndrome de Down; Escola; Família.

## **ABSTRACT**

In the Educational field, the challenges faced by teachers are the most diverse, among them we can mention classrooms with a diversity of students, their difficulties and specificities, each with their own particularities, another important point is the student's family relationship with the school. Therefore, the purpose of this work is to highlight the importance of the family's active participation in the teaching-learning process and how important this participation is for the child's development. The general objective of the work was to analyze the relevant role that the family plays in conjunction with the school in the teaching-learning process of a child with Down Syndrome. The methodology used to support the work was bibliographical study, Ethnography through participant observation, monitoring and analyzing the facts within the context studied in the field, through the Pedagogical Residency program, as well as qualitative research, through interviews with the regent teacher and the student's social caregiver. With the results obtained, it was possible to verify that through the active participation of the family at school, the child or adolescent makes relevant advances in the school and social context, unlike those who do not have this family apparatus. It is expected that the results obtained are significant for the importance of the family and school theme and that they provide important reflections for a more effective participation of family members of atypical students.

**Keywords:** Partnership; Down's syndrome; School; Family.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Estatuetas de crianças com características com Síndrome de Down dos povos Omelcas .....	14
Figura 2- Pintura Madona e Criança de Andrea Mantegna,1460.....	15
Figura 3- Imagem da trissomia 21 .....	16
Figura 4- Semelhanças físicas de pessoas com Síndrome de Down.....	18
Figura 5- Características físicas de uma pessoa com Síndrome de Down.....	18

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Pontos importantes sobre a descoberta da Síndrome de Down e o termo Trissomia 21 .....	17
Quadro 2- Diferenças entre linguagem verbal e não verbal.....	28

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AEE Atendimento Educacional Especializado

APAE Associação de pais e Amigos dos Excepcionais.

BH Belo Horizonte

CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

ECA Estatuto da Criança e do adolescente.

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PcD Pessoa com Deficiência.

## LISTA DE SÍMBOLOS

% Porcentagem

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2. SÍNDROME DE DOWN E SEUS ASPECTOS HISTÓRICOS, BIOLÓGICOS E SOCIAIS .....</b>	<b>14</b>
2.1. Política pública de inclusão educacional no Brasil .....	21
2.3 O Vínculo Família-Escola e sua relevância para a educação.....	26
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>31</b>
3.1 Observação e Análise da Evolução de uma PCD .....	31
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>34</b>
<b>5. CONCLUSÃO.....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>47</b>
<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA APLICADA COM A PROFESSORA.....</b>	<b>50</b>
<b>APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA APLICADA COM A CUIDADORA SOCIAL .....</b>	<b>51</b>
<b>ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)...</b>	<b>52</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Historicamente, a educação foi ganhando novos olhares e novas metodologias, incorporadas no meio escolar ao longo do tempo. A pedagogia voltada à educação tradicional foi sendo questionada e revista, dando lugar a uma pedagogia mais libertadora e crítico social<sup>1</sup>. Sobre essa nova perspectiva, a educação, a relação família e escola também vem ganhando maior destaque e interesse pelos pesquisadores.

Em suma o acompanhamento dos pais na educação dos seus filhos não é apenas levar os mesmos para a escola, mas sim acompanhar nas tarefas, verificar como anda o seu rendimento escolar, a relação dos filhos com os professores e funcionários também se torna importante, mas quando se trata de uma criança com síndrome de Down tem uma maior relevância para o crescimento dela. Machado (2021) reflete que a maneira como as crianças reagem em seu aprendizado vai depender significativamente da maneira como ocorre a participação dos pais, desta forma, se a participação for positiva ou negativa, ela acaba refletindo na criança.

O presente trabalho monográfico tem como finalidade abordar para o campo educacional a importância da relação entre família e escola no processo de alfabetização da criança Síndrome de Down, não deixando esse papel apenas com o professor, mas também dando o apoio e todo o aparato. No decorrer do trabalho será possível identificar, que quando estimulada desde seus primeiros anos de vida, a criança com a Síndrome tem um bom desenvolvimento, além também de uma melhor socialização no meio escolar e demais ambientes.

O interesse pelo tema surgiu a partir de uma observação em uma sala de aula da 1º ano do Ensino Fundamental, durante a participação do projeto de Residência Pedagógica<sup>2</sup>, um aluno com Síndrome de Down não verbal, desde o começo do ano letivo de 2023 foi se mostrando participativo em todas as atividades que lhe eram dadas pela professora da sala e também da profissional de apoio escolar, ao questionar o quanto o desenvolvimento do aluno era brilhante a profissional que o acompanhava relatou que desde que a mãe descobriu que ele possuía a Síndrome

---

<sup>1</sup> Termo do Educador e escritor Paulo Freire, onde faz referência a uma educação pautada através dos diálogos entre o educando e o educador.

<sup>2</sup> A Residência Pedagógica é um programa de bolsas ofertadas CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, cuja finalidade é promover o aperfeiçoamento do aluno de graduação/Licenciatura na formação de professores em escolas de educação básica.

procurou acompanhar de todas as formas e mesmo sua condição financeira não permitindo, muitas vezes, pagar pelos tratamentos para auxiliar no desenvolvimento da criança ela sempre buscou os direitos dela no município.

O objetivo geral do trabalho foi analisar o papel relevante que a família desenvolve juntamente com a escola no processo de ensino-aprendizagem de uma criança com Síndrome de Down. Dentro deste objetivo geral, elencamos os três objetivos específicos para nortear a pesquisa, que são: Primeiro, identificar os pontos positivos da relação família-escola no processo de alfabetização da criança com síndrome de Down. O segundo compreende as estratégias utilizadas no dia a dia dentro da sala de aula que mediaram o processo de ensino-aprendizagem. E o terceiro e último abordar os principais prejuízos que a não participação da família na escola pode trazer para uma criança com Síndrome de Down.

A metodologia utilizada para fundamentar o trabalho a partir da Etnografia segundo observação participante, acompanhando e analisando os fatos dentro do contexto estudado em campo, como qualitativa construída também a partir da observação e compreensão dentro da sala de aula, sendo ainda auxiliada com uma pesquisa por meio de perguntas previamente feitas e analisadas, enviadas para a professora regente da turma do 1º ano fundamental e a Apoio pedagógico do aluno, a qual essas respostas vai edificar melhor a análise feita já previamente na sala de aula durante o ano letivo.

O trabalho está estruturado em 5 capítulos divididos da seguinte forma: o primeiro capítulo é iniciado com a introdução, o objetivo geral e os objetivos específicos, expondo o tema que abordado ao longo do trabalho, a justificativa da escolha do tema e como surgiu o interesse, a metodologia trata dos objetivos alcançados ao longo da escrita. No segundo capítulo composto pela fundamentação teórica dividida, primeiro trazendo a Síndrome de Down e seus aspectos históricos, biológicos e sociais, em seguida a Política pública de inclusão educacional no Brasil e o último ponto é o vínculo Família-Escola e sua relevância para a educação.

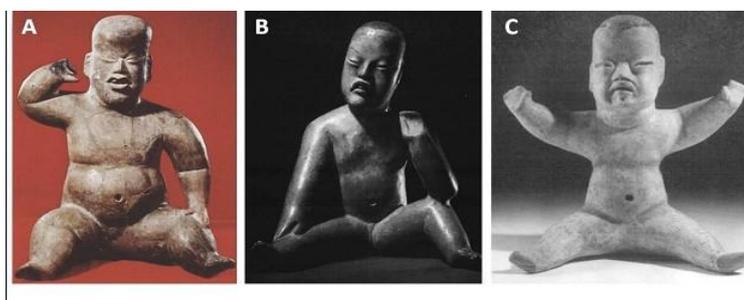
O terceiro capítulo foi formado pela metodologia adotada, e o quarto capítulo foram os resultados e discussões por meio da observação e as pesquisas realizadas, este capítulo vai fundamentar o ponto principal do trabalho que é trazer a relevância da participação da família na vida escolar de uma criança com Síndrome Down. Por último, o quinto capítulo conclui mostrando a relevância do mesmo para o campo acadêmico.

## 2. SÍNDROME DE DOWN E SEUS ASPECTOS HISTÓRICOS, BIOLÓGICOS E SOCIAIS

O nascimento de uma criança é sempre envolvido de grandes expectativas, toda a família faz planos e traz pensamentos sobre aquela nova vida que está sendo gerada e com ela vem carregado os medos e incertezas sobre a criança nascer saudável e sem nenhum problema genético que possa acarretar dificuldades em seu desenvolvimento futuro, ao receber um diagnóstico que seu filho tem algum problema genético vem muitas vezes carregados de estereótipos de que aquela criança não terá um desenvolvimento como as demais e sua socialização com as pessoas será mais difícil, neste caso, quando uma família recebe o laudo que seu filho(a) tem síndrome de Down a preocupação perpassa naquele momento não apenas como será o enxoval e a decoração do quarto, mas sim, como serão os desafios para com a criação de seu filho portador de uma síndrome.

Pesquisadores como o um grande nome do antropólogo e cientista Starbuck, mostram por meio de fatos históricos e imagens arqueológicas que há muitos séculos antes de Cristo já se tinha imagens de pessoas com as características da Síndrome de Down, a exemplo dos povos Olmecas, há existências destes povos foi de 1500 a.C. até aproximadamente 30 d.C., localizado onde atualmente é o Golfo do México, segundo Mata; Pignata (2014 apud Link, 2002) esses indivíduos eram considerados semideus, isso por que eles acreditavam que herdavam a síndrome do cruzamento de mulheres mais idosas com o Deus Jaguar, as pessoas que nasciam com essa característica compatível com as da Síndrome de Down eram respeitadas e veneradas nas tribos dos povos Olmecas.

**Figura 1**- Estatuetas de crianças com características com Síndrome de Down dos povos Olmecas



**Fonte:** Movimento Down<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.movimentodown.org.br/sindrome-de-down-na-historia-parte-01/>. Acesso em 20 jan 2024.

Por conseguinte, ressaltamos ainda imagens de pessoas com tais características também no período da Renascença, um exemplo é a pintura Madona e Criança de Andrea Mantegna por volta de 1460, na cidade de Mantua, Itália, aparentemente a figura feminina retratada na obra é a virgem Maria, e ela segura uma criança cujo seus rostos possui os olhos fechados, a sua boca está entre aberta e outra característica é o nariz pequeno. Isso demonstra que essa má formação genética está presente na humanidade há muitos séculos.

**Figura 2** - Pintura Madona e Criança de Andrea Mantegna, 1460.



**Fonte:** Movimento Down<sup>4</sup>

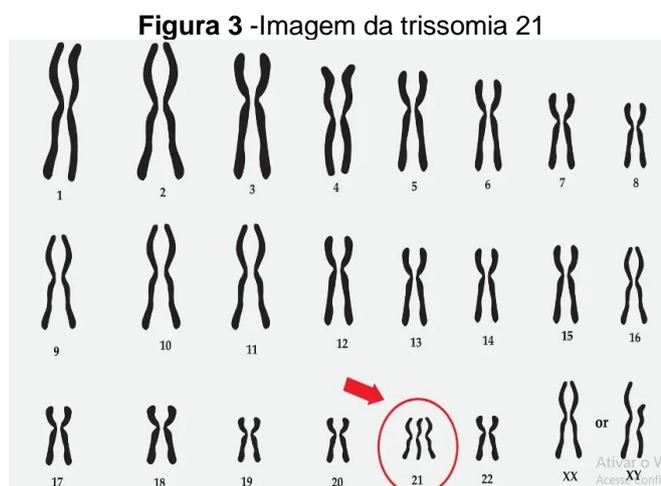
Desse modo, devemos salientar que a Síndrome de Down não é uma doença, mas, sim uma má formação genética, Trentin e Santos (2017) relatam em seu artigo que esta síndrome é conhecida como trissomia 21, pois os acometidos da Síndrome de Down têm três cargas genéticas do cromossomo 21 ao invés de apenas dois. Outro ponto a se destacar é que ela ocorre aproximadamente a cada 600 crianças nascidas vivas, uma delas pode ter a Trissomia 21 e este caso depende também de fatores durante a gestação, desde a idade materna até fatores externos como o uso de álcool e cigarro durante e antes da gravidez.

Sendo assim, por não se tratar de uma doença que possui uma cura, os tratamentos para uma pessoa com Síndrome de Down são os acompanhamentos necessários para seu desenvolvimento físico e cognitivo, por meio de fisioterapia, fonoaudiólogo, neuropsicólogo, terapia ocupacional, como também cuidados médicos

---

<sup>4</sup> Disponível em: Disponível em: <https://www.movimentodown.org.br/sindrome-de-down-na-historia-parte-03/>. Acesso em 20 jan 2024.

com exames de rotina com cardiologista, clínico geral dentre outros, pois devido as suas condições genéticas muitas delas podem desenvolver alguma doença ao longo da vida. Como má formação cardíaca, baixa visão e audição, além de possuírem maiores chances de desenvolver diabetes e problemas na tireoide.



**Fonte:** Biologia Net<sup>5</sup>

Outro ponto relevante sobre a Síndrome de Down é que ela possui três tipos da trissomia 21.

A primeira dela é a simples, representa cerca de 95% dos casos diagnosticados e ocorre por meio do resultado da não- disjunção cromossômica do par 21 durante a divisão celular do feto.

A segunda delas é o mosaïcismo, os casos são mais raros apenas cerca de 2% possui esse tipo diferente da simples, o mosaïcismo compromete apenas parte das células, desta forma algumas das células possui 46 cromossomos, outras 47. E a terceira característica é a translocação, também ocorre em poucos casos apenas cerca de 2%, sua característica ocorre pelo fato do cromossomo extra do par 21 fica junto em outro cromossomo, quando se analisa o indivíduo tem os 46 cromossomos, mais devido ao que está colado com o outro esse feto que está sendo gerado possui em sua carga genética a Síndrome de Down, além de ressaltamos que dos três tipos da trissomia apenas a translocação pode ser hereditária.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.biologianet.com/doencas/sindrome-de-down.htm>. Acessado em: 25 de jan de 2024.

Em síntese a Síndrome de Down não foi já denominada como trissomia 21 de forma rápida, as pesquisas só começaram a ser desenvolvidas no Século XIX, podemos verificar no quadro logo abaixo três marcos importantes na descoberta dela.

**Quadro 1-** Pontos importantes sobre a descoberta da Síndrome de Down e o termo Trissomia 21.

<b>Marcos importantes sobre a Síndrome de Down</b>		
Povos Olmecas	1500 a.C. até aproximadamente 30 d.C.	Localizado no Golfo do México imagens e esculturas com as características de pessoas com síndrome de Down.
John Langdon Haydon Down	1866	Percurso das pesquisas em pessoas com a Síndrome de Down e também.
Geneticista Jérôme Lejeune e colaboradores	1958	Descoberta da não- disjunção cromossômica do par 21. Denominada trissomia 21.

**Fonte:** Elaborada pela autora (2024)

Os primeiros estudos e pesquisas sobre a Síndrome de Down aconteceram por volta do Século XIX, boa parte da população não tem esse conhecimento desta data, porém os primeiros relatos sobre o tema ocorram por volta de 1866 através do médico pediatra inglês John Langdon Haydon Down, inicialmente por meio das características físicas destas pessoas como traz as Diretrizes de Atenção à Saúde de Pessoas com Síndrome de Down (2020, p.2) “caracterizado por bochechas proeminentes, fenda palpebral oblíqua e estreita, lábios grossos, língua grande e grossa, nariz pequeno, alteração vascular e deficiência intelectual” desta forma sua pesquisa rendeu homenagem ao nome da síndrome conhecida como Down.

Ao tratar desta síndrome, o cientista comparou as pessoas com Down a raça mongólicas<sup>6</sup>, os traços eram parecidos mesmo eles sendo filhos de Europeus, este termo ainda nos dias atuais é falado de forma racista e discriminatória para comparar as pessoas com os referidos traços por muitos anos não se falavam o termo correto, quando nascia uma criança com trissomia 21 já referiam elas a mongoloides, ressaltando que mesmo depois de muitas campanhas nos tempos atuais para se tirar este termo, nos deparamos com estes discursos no decorrer de nossa vida. Nas

<sup>6</sup> Mongoloide ou mongólicos são termos usados para designar grupos de raças dos povos nativos da Ásia. Contudo de forma pejorativa também faz uso desse termo como pessoas com comportamentos idiotas ou estúpido. Por conta da aparência física utilizou-se por muito tempo de forma racista e preconceituosa a palavra mongoloide para se referir as pessoas com síndrome de Down.

imagens a seguir verifica-se algumas das características das pessoas que possui a trissomia 21.

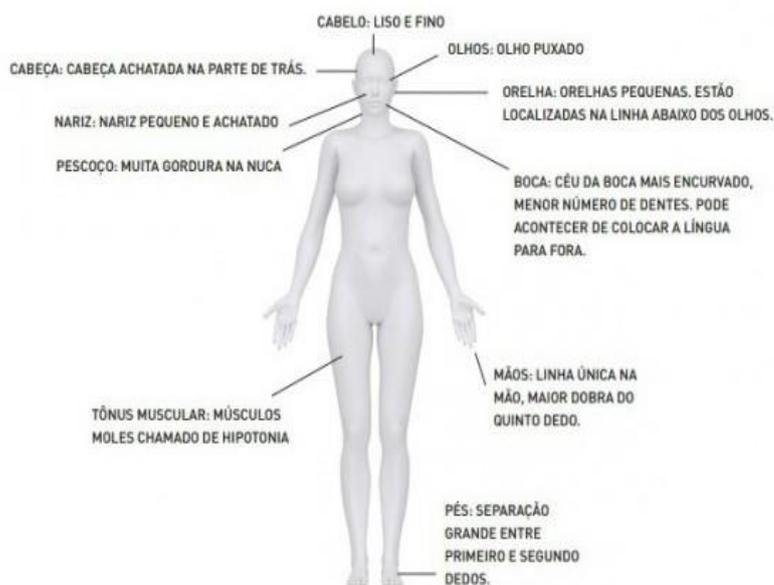
**Figura 4 - Semelhanças físicas de pessoas com Síndrome de Down**



Fonte: Imagem do Google (2024).

Verifica-se na figura 4 e 5 que os traços e características das pessoas com Síndrome de Down são bastante semelhantes, os olhos puxados, a boca entre aberta, cabelo liso e fino, foram essas características que facilitaram as pesquisas para descoberta da Trissomia 21, como também essas características são marcantes para a população reconhecer uma pessoa com Síndrome de Down.

**Figura 5- Características físicas de uma pessoa com Síndrome de Down**



Fonte: Imagem do google (2024)

Apesar do cientista John Langdon Haydon Down ser um dos percussores sobre a síndrome, através de seus estudos, foi através do geneticista Jérôme Lejeune e colaboradores que surgiu o termo trissomia do 21.

Em 1958, o geneticista Jérôme Lejeune verificou que em certos casos ocorre um erro na distribuição dos cromossomos e surgiu aí o termo “trissomia do 21”, que é o resultado da não disjunção primária, que pode ocorrer em ambas as divisões meióticas e em ambos os pais. A partir desse trabalho, a trissomia foi vista como uma manifestação clínica (Mata; Pignata, 2014, p. 4).

A descoberta de Lejeune em relação a distribuição dos cromossomos 21 foi de grande relevância principalmente para que a partir desse momento desmitificasse o estereótipo de raça mongoloides e também começasse a trabalhar em melhorias na vida dos acometidos da Síndrome de Down.

Atualmente no Brasil se tem uma estimativa segundo o IBGE <sup>7</sup> que a cerca de 300 mil pessoas com Síndrome de Down, este número é bastante relevante, contudo, porém, o País ainda apresenta um grande déficit no acesso dos PcD<sup>8</sup> no mercado de trabalho, escola e também vínculo social, o site da APAE<sup>9</sup>-BH retrata em uma matéria datada dia 13 de julho de 2023 dados relevantes sobre o perfil da vida do PcD, no primeiro momento, ele mostra que apenas cerca de 54% deles frequentam o ensino médio, esse dado mostra o quanto a educação apesar de ser um direito para todos sem distinção, ainda é uma realidade distante para pessoas com deficiência.

Ainda sobre a reportagem do site da APAE-BH <sup>10</sup>ela faz o aporte sobre a taxa de analfabetismo, segundo o censo de 2022 do IBGE essa taxa girava em torno de 19,5%, se compararmos com a taxa de pessoas analfabetas no País sem deficiência que está em média de 4,1%, este dado é bastante preocupante. Além disso, o acesso ao mercado de trabalho também é baixo cerca de 29,2%, mesmo sendo obrigatório o

---

<sup>7</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

<sup>8</sup> Referisse a todas as pessoas com deficiência, seja elas com deficiência visual, motora, intelectual ou mental, é preciso ressaltar que os portadores da Síndrome de Down e também de outras Síndromes possuem o requisito necessário para se enquadrar como PcD.

<sup>9</sup> Associação de pais e Amigos dos Excepcionais é uma organização social que tem em sua principal característica promover a atenção integral à pessoa com deficiência intelectual e múltipla.

<sup>10</sup> IBGE divulga censo demográfico de 2022 sobre perfil da vida do PcD. APAE Belo Horizonte-MG, 2023. Disponível em: <https://apaebh.org.br/noticias/ibge-divulga-censo-demografico-de-2022-sobre-perfil-da-vida-do-pcd/>. Acesso em: 03 fev 2024.

acesso de PcD em empresas a parti de 100 funcionários conforme o art .93 da Lei nº 8.213/91.

Art. 93º- A empresa com 100 (cem) ou mais empregados está obrigada a preencher de 2% (dois por cento) a 5% (cinco por cento) dos seus cargos com beneficiários reabilitados ou pessoas portadoras de deficiência, habilitadas, na seguinte proporção:

I - até 200 empregados.....	2%;
II - de 201 a 500.....	3%;
III - de 501 a 1.000.....	4%;
IV - de 1.001 em diante. ....	5%.

(BRASIL, 1991, p.34).

Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas pelos PcD e ressaltando o fato que as pessoas com Síndrome de Down fazem parte deste grupo, ocorreram grandes conquistas por parte delas, uma de bastante relevância é o dia 21 de março conhecido como Dia Mundial da Síndrome de Down, este dia foi escolhido justamente para homenagear aqueles que possui em sua carga genética os três cromossomos no par 21.

Esta data foi proposta pelo Brasil durante uma Assembleia na ONU no ano de 2011 sendo aprovada por unanimidade por todos que estavam presentes, o principal objetivo dela é justamente trazer uma maior conscientização a todas as pessoas em relação a Síndrome de Down, como também realizar uma reflexão e orientação sobre a importância do respeito a eles e dos direitos que os mesmos possui às pessoas com síndrome Down, trazendo uma qualidade de vida mais favorável sem rejeição e preconceitos. a eles. Contudo, mesmo sendo aprovado em 2011 o Dia Nacional da Síndrome de Down, o mesmo só foi instaurado em 2022 através de um projeto de lei do Senador Lindbergh Farias na época estava filiado ao partido PLS a Lei nº 14.306/22 no dia 3 de março de 2022.

Art. 1º É instituído o Dia Nacional da Síndrome de Down, a ser celebrado no dia 21 de março de cada ano.

Parágrafo único. Os órgãos públicos responsáveis pela coordenação e implementação de políticas públicas voltadas à pessoa com síndrome de Down são incumbidos de promover a realização e divulgação de eventos que valorizem a pessoa com síndrome de Down na sociedade (Brasil, 2022, p.1).

Apesar dos grandes avanços aos direitos das pessoas com Síndrome de Down, elas ainda lutam muito por visibilidade e inclusão social, principalmente na parte da educação no Brasil, na próxima sessão iremos adentrar do assunto sobre a Política pública de inclusão educacional no Brasil, as leis que fomentam esse direito e sua trajetória até os dias atuais.

## 2.1. Política pública de inclusão educacional no Brasil

Quando adentramos no assunto relacionado as políticas de inclusão devemos ter noção que não é apenas adaptar tarefas e locais para as pessoas que possui algum tipo de síndrome ou transtornos, mas fazer com que elas se sintam pertencente em todos os espaços, principalmente no escolar. Mas como deve ser uma escola inclusiva nesse caso? É justamente este questionamento que muitas pessoas inclusive alguns educadores possui dúvidas.

O ministério da educação por meio da cartilha de educação inclusiva mostra como deve ser uma escola inclusiva, como podemos ver na citação a seguir.

Escola inclusiva é, aquela que garante a qualidade de ensino educacional a cada um de seus alunos, reconhecendo e respeitando a diversidade e respondendo a cada um de acordo com suas potencialidades e necessidades. Assim, uma escola somente poderá ser considerada inclusiva quando estiver organizada para favorecer a cada aluno, independentemente de etnia, sexo, idade, deficiência, condição social ou qualquer outra situação. Um ensino significativo, é aquele que garante o acesso ao conjunto sistematizado de conhecimentos como recursos a serem mobilizados (Ministério da Educação, 2004, p. 7).

Visto pela ótica educacional passamos em média 12 anos de nossa vida só na escola nas etapas que compreendem infantil, fundamental anos iniciais e finais e ensino médio, basicamente por ano são 200 dias letivos em uma sala de aula convivendo com várias pessoas cada uma com um pensamento e perspectivas diferentes. Formamos nossos vínculos de amizade, mas também vivemos alguns traumas, bullyings, abusos e estereótipos dos mais diversos tipos, mas se analisamos uma criança ou adolescente com alguma síndrome a exemplo a de Down esses fatores aumentam significativamente, no livro Psicologia e genética humana: os desafios para o psicólogo, no capítulo 6 vem abordar justamente a relação da dificuldade da interação de jovens com Síndrome de Down com demais adolescentes, devido a sua condição genética, demais alunos usa o ato do bullying para discriminar e afastar dos grupos sociais do ambiente escolar.

A disparidade de indivíduos e a inclusão das pessoas com deficiência no contexto escolar, inclusive as pessoas com síndrome de down, esses ataques se tornam cada vez mais presentes, pois as “diferenças” são utilizadas como desculpa para o preconceito e a discriminação. Dessa maneira, esses alunos

são rotulados, excluídos e marginalizados, tornando-se alvos dos agressores (Santos, *et al*, 2023, p 85).

Por conseguinte, a importância da inclusão é justamente evitar que ocorra casos como discriminação com os alunos que possui alguma necessidade específica e também que as próprias crianças e jovens possam ampliar suas relações sociais, pois em muitos momentos essas relações são estremecidas até pelos próprios colegas que praticam casos de agressão e bullying. As mídias sociais hoje em dia trazem muitos casos são de crianças ou jovens que chegaram a ser agredidas só por conta de possuírem algo de diferente das demais, como no caso relatado pelo jornal G1-PR na data de 16 de dezembro de 2023, um jovem de 20 anos com Síndrome de Down sofreu agressão física e verbal por colegas seus da turma, em um colégio estadual da cidade de União da Vitória- PR, o vídeo que grava o momento da agressão foi compartilhado em uma rede social na parte dos “Close Friends”<sup>11</sup> o material vazou e a mãe do garoto teve acesso, a mãe registrou um B.O na Polícia Civil do Paraná e os três jovens o qual a idade é por volta de 17 anos estão em investigação. Esse é apenas um dos tantos casos que ocorre no país.

A política no Brasil referente à inclusão tem sido profundamente influenciada por movimentos e declarações. Tais movimentos buscam promover a integração, a participação e combater a exclusão. Dentro do sistema educacional, isto se reflete na ampliação de mecanismos que incentivem a verdadeira igualdade de oportunidades. Apesar de ainda ocorrer casos de violência e discriminação em relação a educação inclusiva, é preciso salientar que a mesma tem avançado em muitos pontos, conforme a declaração a seguir.

A política no Brasil referente à inclusão tem sido profundamente influenciada por movimentos e declarações. Tais movimentos buscam promover a integração, a participação e combater a exclusão. Dentro do sistema educacional, isto se reflete na ampliação de mecanismos que incentivem a verdadeira igualdade de oportunidades (Souza *et al*, 2012, p. 68).

Conseqüentemente uma das medidas para promover a igualdade na educação ocorreu por meio da portaria prorrogada com nº 948/2007 entregue ao Ministro da Educação em 07 de janeiro de 2008 justamente sobre a incorporação social das políticas da educação inclusiva.

---

<sup>11</sup> “Closer Friends” ou “amigos próximos” é uma aplicação no aplicativo Instagram onde as publicações realizadas neste espaço são visíveis apenas para uma lista de seguidores selecionados pelo dono do perfil.

O movimento mundial pela inclusão é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação (Brasil/ MEC/SEESP, 2008, p.1).

Deste modo, podemos questionar: será que o governo brasileiro se importou com essa integração de PcD a pouco tempo ou já temos um histórico de inclusão em nossa sociedade? Mas será que essa inclusão é aplicada na prática atualmente? De certa forma, essas perguntas podem ser respondidas primeiro que não é de agora que o Brasil tenta incluir a educação para pessoas diferentes de um padrão que existe em uma sociedade, mas também é preciso ressaltar que a muito ainda se tem muito a fazer, pois as lacunas dentro da educação especial necessitam de um olhar com mais atenção por parte dos governantes.

Historicamente, a incorporação da educação especial começou por volta do ano de 1854 no Rio de Janeiro quando foi criado ainda no período imperial o Instituto dos meninos cegos, atualmente o seu nome é Instituto Benjamin Constant- IB, e já em 1857 o Instituto dos Surdos Mudos, conhecido atualmente como Instituto Nacional da Educação dos Surdos – INES através destas iniciativas outros foram sendo criados e novas leis fundamentadas na educação inclusiva eram colocadas em prática.

Ainda historicizando os marcos das primeiras escolas de ensino educacional especial no início do Séc. XX, por volta de 1926 é fundado o Instituto Pestalozzi que é voltada ao atendimento de pessoas com deficiência mental, mas para frente surge a APAE- Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais no ano de 1945. É preciso salientar que essas primeiras escolas foram de extrema importância para começar a ter um pouco mais de valorização para pessoas com deficiência, visto que antes elas eram totalmente excluídas da sociedade e não tinham um mínimo de valorização.

Neste sentido, se tratando da LDB<sup>12</sup> no ano de 1961 através da lei nº 7 4.024/61 destaca que às pessoas com deficiência terão direito a educação dentro do sistema geral de ensino e não apenas em escolas especializadas, neste mesmo ano uma nova emenda da LDB altera esta lei, acarretando uma maior desorganização no sistema de ensino para uma adaptação e organização aos alunos atípicos.

A Lei nº. 5.692/71, que altera a LDBEN de 1961, ao definir 'tratamento especial' para os alunos com "deficiências físicas, mentais, os que se encontrem em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados", não promove a organização de um sistema de ensino capaz de atender às necessidades educacionais especiais e acaba reforçando o

---

<sup>12</sup> Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

encaminhamento dos alunos para as classes e escolas especiais (MEC/PNEEPEI, 2008, p.7).

Durante o período de 1961 até 1988, a política pública para inclusão a educação a qualquer tipo de criança ou jovem PcD era restrita, às escolas públicas se recusavam, muitas vezes, realizar as matrículas deles, pois não era obrigatório receber esses alunos no ambiente e se orientava procurar na grande maioria das vezes um centro especializado, gerando desta forma os mais tipos de preconceitos com crianças atípicas<sup>13</sup>, e este cenário começou a alterar um pouco após a inclusão na Constituição Federal de 1988, o direito a educação para todos como podemos verificar a seguir.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; IV - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais (Brasil, 1988, p.130).

Logo após a Constituição Federal de 1988 outros documentos normalizando essa lei também começaram a ser editados e colocados em prática como um dos principais documentos para os direitos das crianças e adolescentes que é o ECA<sup>14</sup>, criado em 1990, coloca em prática a obrigatoriedade de os pais ou responsáveis matricular as crianças na escola e atualmente a LDB Lei nº 9.394/96 prevê a necessidade de assegurar os recursos necessários para a educação das crianças sem distinção de nenhuma.

Outro marco importante para que as pessoas com Deficiência são através da Lei Nº 13.146, datada no dia 6 de julho de 2015, a Lei Brasileira de Inclusão a Pessoa com Deficiência, que assegura a igualdade sem distinção as pessoas com deficiência, visando uma melhor qualidade de vida para inclusão social e cidadania.

Art. 1º É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades

---

<sup>13</sup> Pessoas que fogem do padrão comum pela sociedade. Também pode ser considerado o qual o desenvolvimento neurológico se difere do que é considerado padrão.

<sup>14</sup> Estatuto da Criança e do Adolescente.

fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania (BRASIL, 2015, p.1).

Mas não é apenas na educação básica que eles têm os direitos assegurados, no trabalho também existem leis que asseguram sua integração nestes ambientes, tendo assim seus direitos e deveres conforme cita no art. 34 da cartilha dos direitos da pessoa com Síndrome de Down (2019) ele relata que “A pessoa com deficiência tem direito ao trabalho de sua livre escolha e aceitação, em ambiente acessível e inclusivo, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas”.

Pessoas com Síndrome de Down se acompanhadas desde cedo e estimuladas podem muito bem concluir qualquer atividade, sejam elas através dos estudos, esportes e engaja-se também no mercado de trabalho, é de extrema importância políticas que assegurem sua participação com equidade e sem exclusão. A inclusão em qualquer um destes campos faz com que também desperte nas pessoas com Síndrome de Down desde cedo a estudar para poder aplicar seus conhecimentos além das paredes de uma escola.

A própria escola dentro de sua didática deve trazer meios para incluir os estudantes com Síndrome de Down, de modo que estes possam aplicar seus conhecimentos também para o campo de trabalho, atualmente em muitas escolas se tem as Salas de AEE<sup>15</sup>, é orientado que o professor que for atender nestas salas ter uma capacitação para trabalhar através de um plano individualizado com seus alunos, suas principais habilidades, trazendo estratégias e metodologias, que possa aflorar e aperfeiçoar habilidades, garantindo aprendizado, socialização e interação.

Por conseguinte, podemos verificar na cartilha para a pessoa com síndrome de Down (2019) o trabalho em conjunto do professor, com a equipe pedagógica e o próprio aluno auxiliam no desenvolvimento cognitivo, social e emocional, tanto em grupo quanto sozinho de modo individual, os auxiliando para que possa realizar as demandas escolares não apenas na sala de atendimento especializados, mas também na sala de aula com seus demais colegas.

No tópico a seguir será exposto a questão do vínculo família-escola tão necessário para estudantes com síndrome de Down, abordaremos nessa sessão a relevância da família no processo formador da criança na sociedade, a importância da

---

<sup>15</sup> Atendimento Educacional Especializado, sua principal função é identificar, adequar, organizar e também elaborar recursos necessários para a todos que necessite de um atendimento especializado, eliminando assim as barreiras que possam ocorrer em uma sala de aula com os demais alunos, considerando a necessidade específica de cada um.

socialização das pessoas portadores de PCD com os que não são portadores e os primeiros momentos dentro de uma sala de aula para a criança não se limitando apenas ao trabalho do professor e escola, mais sim todo um conjunto família, escola e professor, para que esta criança venha a se sentir amparada e incluída no ambiente escolar, visto que ela irá passar boa parte de sua infância e adolescência.

### **2.3 O Vínculo Família-Escola e sua relevância para a educação**

O primeiro contato que temos em nossa vida se dar através de nossa família, é através dela que começamos ter nossas primeiras experiências cognitivas emocionais, são nossos pais que vão acompanhar nosso crescimento, os primeiros passos e também as primeiras palavras pronunciadas, como também os primeiros contatos sociais através por exemplo de festas de aniversários que nossos pais levam, piquenique no parque ou demais eventos.

Antigamente se entendia como família um núcleo que fosse formado por um homem, uma mulher e junto com os filhos, e este homem era o provedor da casa, o responsável para trabalhar e trazer o sustento de sua família, a mulher era responsável apenas por cuidar do lar e dos filhos. Ao longo das décadas este ideal de família foi se alterando, as mulheres também foram ganhando espaço no campo de trabalho, tendo seus direitos adquiridos, como também ganhando sua independência financeira. Hoje em dia é possível verificar famílias onde as mulheres são as provedoras da casa, mães solas ou quando a criança é criada apenas pelos avós ou outro parente. Independente de qual forma seja constituída a família atualmente uma coisa não mudou, a criança precisa de um ambiente harmonioso para seu desenvolvimento.

A família é o primeiro convívio e um dos mais importantes para o desenvolvimento físico e emocional da criança principalmente em seus primeiros anos de vida, pois, é através dessa relação que os primeiros passos na escola se tornam mais tranquilos e confiante devido a ter já uma base familiar participativa na vida deles. Ao escolher uma escola para seu filho PcD é preciso ter ciência que não é apenas um local com uma boa educação e infraestrutura que vai auxiliar seu filho, mas também todo o aparato da família em casa é de extrema importância. Rodrigues (2021) traz em sua tese para o mestrado a importância desse auxílio da família da criança com a educação dela.

Conforme consta no Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2014), o papel das famílias é importante para o estreitamento das relações entre escola e as famílias com o objetivo de acompanhar o desenvolvimento da aprendizagem da criança no ambiente tanto escolar como familiar e de garantir o acesso e permanência desse aluno na escola (Rodrigues,2021, p.15).

Muitos aspectos quando a criança começa a frequentar a escola e tem seus primeiros convívios com o professor e outras crianças na sala de aula, os primeiros momentos deles podem gerar estranhamento ou até mesmo resistência com aquele novo ambiente. Por isso, em muitas escolas a primeira semana de aula é conhecida como a semana de adaptação, as atividades são mais lúdicas, as brincadeiras são voltadas para conhecer os colegas de sala, e quais as suas preferências e seus pontos em comum.

Após esta semana de adaptação com a introdução das atividades e assuntos a serem estudados durante o ano letivo, começa a surgir as atividades de sala e também as atividades de casa, aí que entra novamente o papel da família para o desenvolvimento da criança, as atividades de casa são realizadas para uma melhor absorção do conteúdo, a criança quando compartilha esse momento com seus pais e os mesmo as ajudam a fazer suas tarefas, elas têm uma percepção melhor para sua aprendizagem, quando elas pulam este momento e realiza apenas as tarefas em sala, além de poderem ter algum atraso em seu desenvolvimento escolar, perde o vínculo família e escola tão importante para o crescimento da criança.

Quando o foco de debate é o papel dos pais na escolarização dos filhos e suas implicações para a aprendizagem, na escola, há aspectos a serem ressaltados. A família como impulsionadora da produtividade escolar e do aproveitamento acadêmico e o distanciamento da família, podendo provocar o desinteresse escolar e a desvalorização da educação, especialmente nas classes menos favorecidas (Polonia; Dessen, 2005, p. 304).

Contudo, é relevante entender que com as crianças Síndrome de Down necessitam de um pouco mais de atenção, desde o seu nascimento e ao longo de sua vida, devido a sua formação genética, o desenvolvimento dela é um pouco mais lento, elas demoram a andar e também a falar, a uma maior dificuldade para selecionar e direcionar os comandos realizados, por isso. A importância desde cedo ter um acompanhamento multidisciplinar com fisioterapeuta, terapeuta ocupacional e também fonoaudióloga.

Um ponto a destacar em relação a Síndrome de Down Devido ao seu atraso por conta das alterações dos neurônios a comunicação pela fala também podem ser

são prejudicadas, enquanto algumas conseguem por meio dos estímulos desde bebê se comunicar de forma mais acessível, outras já não possui essa facilidade, nisto o a ajuda por parte da família em estimular e buscar profissionais adequados é importante para esse desenvolvimento da fala que é limitado em muitas crianças que possui a Síndrome de Down. No quadro a seguir será repassado as diferenças entre a criança ou jovem quando a sua linguagem é verbal ou não verbal.

**Quadro 2** - Diferenças entre linguagem verbal e não verbal

TIPOS DE LINGUAGEM		
	Conceito	Exemplos
Linguagem Verbal	Quando se utiliza tanto palavras faladas como escritas.	A criança consegue de comunicar verbalmente através da fala e também através da escrita.
Linguagem não verbal.	Neste tipo de linguagem é utilizado meios de comunicação como gestos, expressões faciais, imagens, sons variados e o silêncio.	Quando a criança é não verbal ela se expressa através dos gestos, expressões faciais e até mesmo utilizar os símbolos para se comunicar.

**Fonte:** Elaborada pela autora (2024)

Não é apenas na sala que a família deve ficar atentos, pois em torno da audição as pessoas com Down também possuem uma menor percepção auditiva, isso também influência na sua atenção e fixação de um comando, contudo, elas possuem uma boa atenção na memória fotográfica e isso facilita o trabalho manual realizado com elas, por isso a importância de desde cedo começar com os estímulos através de brincadeiras e atividades lúdicas. E também os estímulos devem ser sempre variados tanto à medida que elas forem crescendo como também à medida que elas vão conseguindo desenvolver as habilidades passadas. Vygotsky, em sua obra a formação social da mente aborda a questão da memória na fase da vida da criança.

A memória de crianças mais velhas não é apenas diferente da memória de crianças mais novas; ela assume também um papel diferente na atividade cognitiva. A memória, em fases bem iniciais da infância, é uma das funções psicológicas centrais, em torno da qual se constroem todas as outras funções. Nossas análises sugerem que o ato de pensar na criança muito pequena é, em muitos aspectos, determinado pela sua memória e, certamente, não é igual à mesma ação em crianças maiores. Para crianças muito pequenas, pensar significa lembrar; em nenhuma outra fase, depois dessa muito inicial da infância, podemos ver essa conexão íntima entre essas duas funções psicológicas (Vygotsky, 1991, p.36).

Contudo o vínculo familiar da criança é importante em todos os campos do afetivo até as necessidades que envolve seu desenvolvimento físico e não é diferente

quando falamos em relação família e escola, visto que ela tem grande importância na formação da criança, de suas memórias e desenvolvimento, é preciso salientar que nem sempre a família desempenha essa função participativa na vida escolar do filho. Em uma reportagem pelo jornal G1 na data de 23 de setembro de 2022<sup>16</sup> mostrou através de uma pesquisa do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, com os dados coletados pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico que aqueles alunos que tiveram um acompanhamento dos pais durante seu período escolar obtiveram melhores resultados, ele destacou essa informação por meio da média curricular na disciplina de ciências, aqueles que tinha um acompanhamento familiar chegou a ter em média 414 pontos na disciplina, já aqueles que a sua família não acompanhava assiduamente chegou em média a 357 pontos.

Apesar da importância da participação da família na escola precisamos ressaltar também que a realidade socioeconômica das famílias, muitas delas quando tem um nível econômico mais baixo a participação fica menor devido aos responsáveis da casa precisar passar longas horas fora de casa e muitas vezes só ver seu filho quando vão deixar na escola e no final do dia quando retornam para buscar e existem casos que quando chegam em casa as crianças encontram-se dormindo. No site Educa + Brasil, uma reportagem publicada em 2019 <sup>17</sup>mostra esta realidade, que apesar de o Brasil ter cerca de 50,2% em 2019 de participação das famílias nas atividades escolares, este número se altera quando analisada pelo nível socioeconômico.

No Brasil, cerca de 50,2% dos estudantes afirmam que os pais participam ativamente das atividades escolares. O resultado coloca o país na 24ª posição do ranking criado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), composto por 49 países.

Os dados demonstram ainda que o nível socioeconômico é um fator que impacta na participação dos pais na escola. Um grupo de 63,2% de alunos com maior nível socioeconômico relatou acompanhamento constante dos pais, enquanto os de menor nível, somente 46% (Silva, 2019, Online).

---

<sup>16</sup>Participação familiar na escola aumenta rendimento dos estudantes, dizem especialistas. **G1.COM**, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/especial-publicitario/grupo-marista/humanidade-no-ser-excelencia-no-fazer/noticia/2022/09/23/participacao-familiar-na-escola-aumenta-rendimento-dos-estudantes-dizem-especialistas.ghtml>. Acesso em: 28 jan, 2024.

<sup>17</sup> SILVA, Gabriele. **Desempenho escolar dos alunos melhora com a participação dos pais, diz pesquisa.** Educa Mais Brasil.com, 2019. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/escolas/desempenho-escolar-dos-alunos-melhora-com-a-participacao-dos-pais-diz-pesquisa>. Acesso em: 01 fev, 2024.

As ações educativas para participação dos pais na escola são relevantes, mas não podemos responsabilizar apenas a família de não acompanhar o desenvolvimento do seu filho na escola, pois o papel dela também é de incentivar e promover reuniões pedagógicas e atividades não apenas para mostrar que o filho está com notas boas ou ruins, contudo apresentar a evolução dele naquele mês ou bimestre, se houve regressão no seu aprendizado, se seu convívio com as demais pessoas está bom ou ele se encontra mais isolado, este tipo de acompanhamento é muito importante principalmente quando se trata uma criança com Síndrome de Down, os pais precisam ficar cientes da evolução dele através dos diagnósticos escolares por parte do professor, seus acompanhantes pedagógicos caso a escola ofereça e também não menos importante pela gestão da escola.

Em suma, é preciso compreender que o papel dos pais na educação dos filhos não se limita apenas em deixá-los e buscá-los na escola, sua participação é primordial também no processo de alfabetização, durante o auxílio das atividades em casa e também nas atividades e reuniões escolares, esse estímulo na participação da vida escolar do filho melhora significativamente o seu desenvolvimento, como relatado na pesquisa realizada pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes em 2022, que mostrou que os alunos com participação dos pais nas atividades escolares tiveram melhores notas maior capacidade em compreender os assuntos expostos em sala de aula. Piaget em sua obra *Aprendizagem e Desenvolvimento Intelectual na Idade Escolar*, justamente a importância do auxílio do adulto na vida de uma criança para seu processo de maturação.

O que a criança pode fazer hoje com o auxílio dos adultos poderá fazê-lo amanhã por si só. A área de desenvolvimento potencial permite-nos, pois, determinar os futuros passos da criança e a dinâmica do seu desenvolvimento e examinar não só o que o desenvolvimento já produziu, mas também o que produzirá no processo de maturação (Piaget, 1988, p.113).

Portando, a importância do auxílio dos pais no desenvolvimento escolar da criança, é essencial, e mesmo sendo mais limitado o processo de alfabetização de uma criança com Síndrome de Down, é indispensável a presença dos pais no dia a dia escolar deles. Isso fará com que elas se tornem adultos mais confiantes, sociáveis e tenha conhecimento de que não é sua condição genética ou física que vai impedir de buscar sempre o melhor para sua vida.

### 3. METODOLOGIA

#### 3.1 Observação e Análise da Evolução de uma PCD

Neste capítulo, abordaremos o método utilizado para obtenção dos dados que foram analisados e expostos. Para reunir as informações que embasam nossas descobertas, resultados e conclusões, empregamos a observação, guiados pelos princípios teóricos da etnografia. Dessa forma, observou-se que, segundo a perspectiva etnográfica, Borges e Castro (2019) trazem o seguinte pensamento.

A etnografia, como processo de pesquisa, nos auxilia a conhecer as interações que acontecem no interior da escola e da sala de aula. A busca pela compreensão da relação dos sujeitos com o conhecimento e a cultura escolar, neste artigo, se dá pela utilização do referencial etnográfico de pesquisa na Educação, mais detidamente no campo da escola. É de entendimento que a etnografia da escola permite ao pesquisador desenvolver um olhar mais sensível para as questões que constituem este universo. (Borges;Castro, 2019, p. 407)

O lócus da pesquisa foi em uma escola Municipal Rivanildo Sandro Arcoverde, localizada no bairro Presidente Médici, na cidade de Campina Grande-PB, durante o ano de 2023, foi possível realizar esse estudo através da participação do projeto da Residência pedagógica, no ano de 2022 foi lançado o edital pela Universidade Estadual da Paraíba em parceria com a CAPES com duração de 1 ano e 6 meses, após o processo de seleção e aprovação os alunos de graduação selecionados foram distribuídos para as referidas escolas participantes do programa de Residência Pedagógica, durante este período foi possível acompanhar as turmas do primeiro ano do ensino fundamental. Em outubro de 2022 se iniciou o projeto que se estendeu até o final do ano letivo, a maior experiência se deu em 2023 na qual a vivência aconteceu durante todo o ano letivo, o aluno cujo foco principal no trabalho estava matriculado na referida escola e frequentava a sala do 1º ano do ensino fundamental ano iniciais, seu diagnóstico é Síndrome de Down, e possui atraso na fala e dificuldades na coordenação motora.

Um ponto importante para a fundamentação do estudo, foi a análise documental, iniciada por meio de artigos científicos e livros sobre os temas relacionados, logo em seguida, desenvolveu-se um estudo para compreender em sua totalidade como surgiu o termo da Síndrome de Down, os cientistas responsáveis pela descoberta, como também se tinha casos característicos de pessoas com esses

traços em outros séculos. Além disso, foram traçadas na fundamentação as leis que asseguram os direitos da pessoa não apenas com Síndrome de Down, mas também todas as PCDs e como foi a evolução das adaptações escolares às pessoas com deficiência no Brasil. Esses estudos foram demasiadamente importantes para compreender a pesquisa metodológica mais a fundo sobre, observando um percurso histórico até a contemporaneidade.

O instrumento de pesquisa utilizado foi a Qualitativa, ambientada mediante dois questionários aplicados, um para a professora regente da turma e a outra para a Cuidadora social do aluno. O perfil das entrevistadas se dar da seguinte forma: a professora possui graduação em Pedagogia, Especialista em Educação Infantil e atualmente está cursando o mestrado em Ciências da Educação, em relação ao tempo de experiência em sala de aula, ela possui 13 anos atuando na área, sendo 10 como professora concursada pelo município de Campina Grande-PB. Já em relação à cuidadora social, está no 2º semestre do curso de pedagogia e trabalha como apoio escolar no município há um ano e um mês.

Por conseguinte, a estrutura do questionário foi realizada por meio de oito perguntas dentre elas temos. Qual a sua formação? Quanto tempo trabalha como professora e ou Apoio Escolar? Já auxiliou outros alunos com síndrome de Down? Os pais e/ou responsáveis por esta aluno acompanhavam de forma ativa a aprendizagem do mesmo?

Em consonância com o objeto da pesquisa algumas das perguntas eram específicas para cada uma das entrevistadas conforme o cargo que estava desempenhando na sala de aula. É possível ressaltar ainda que a entrevista é um importante instrumento de pesquisa em uma análise de pesquisa qualitativa, Marconi; Lakarto (2003) mostra que a entrevista quando realizada entre duas pessoas, sua natureza é profissional, visto que, uma delas tem o objetivo de se obter informações em relação ao assunto que está sendo estudado.

Segundo Trivinos (1987), trás uma descrição da pesquisa qualitativa com profundidade e que a mesma depende de vários fatores a serem analisados durante sua abordagem.

A pesquisa qualitativa é conhecida também como "estudo de campo", "estudo qualitativo", "interacionismo simbólico", "perspectiva interna", "interpretativa", "etnometodologia", "ecológica", "descritiva", "observação participante", "entrevista qualitativa", "abordagem de estudo de caso", "pesquisa participante", "pesquisa fenomenológica", "pesquisa-ação", "pesquisa

naturalista", "entrevista em profundidade", "pesquisa qualitativa e fenomenológica", e outras [...]. Sob esses nomes, em geral, não obstante, devemos estar alertas em relação, pelo menos, a dois aspectos. Alguns desses enfoques rejeitam total ou parcialmente o ponto de vista quantitativo na pesquisa educacional; e outros denunciam, claramente, os suportes teóricos sobre os quais elaboraram seus postulados interpretativos da realidade (TRIVIÑOS, 1987, p. 124).

Em relação ao questionário aplicado, as perguntas norteadoras partiram sobre questionamentos profissionais, como por exemplo: qual a formação das entrevistadas e se já tinha trabalhado em sala de aula com alunos diagnosticados com a Síndrome de Down, outro ponto colocado foram as dificuldades ao longo do ano em relação à alfabetização do aluno como também se possível notar avanços. Por fim, em relação ao aspecto familiar foi questionado se a família era participativa durante o ano letivo nas reuniões pedagógicas e demais atividades da escola e também se essa participação foi essencial para os avanços do aluno. A partir destas respostas, e o acompanhamento durante o ano letivo em sala por parte do pesquisador, como também as análises bibliográficas foi possível estruturar todos os dados e realizar um diagnóstico de aprendizagem do aluno.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo, foram analisados os dados da pesquisa coletada, os resultados obtidos através das entrevistas e vivências realizadas ao longo da pesquisa através da observação participante.

O processo de aproximação da pesquisa se deu inicialmente logo no início do ano letivo, ao fazer parte do projeto da residência pedagógica foi possível acompanhar a turma de 1º ano do ensino fundamental, desde o primeiro dia de aula em 2023, a turma tinha um total de 24 alunos matriculados, no qual dentro desse total tinha duas crianças atípicas uma com laudo de TDH<sup>18</sup> e a outra com Síndrome de Down, o fato que chamou mais atenção é que o aluno com Síndrome de Down tinha um interesse maior em participar das aulas e também sua família (mãe e irmã) tinham a preocupação em buscar por meio da professora e cuidadora saber como estava o desempenho dele e o que podia melhorar. Mediante os auxílios em sala para o aluno por parte do programa da Residência Pedagógica e a observação, foi despertado o interesse em trabalhar a temática sobre a relevância do trabalho da família e escola na educação de uma criança com Síndrome de Down.

O aluno em questão apesar de suas limitações era bastante participativo em sala de aula e também nas atividades extracurriculares, em sala ele tinha bom convívio com todos da turma e também com a professora, sua cuidadora social e as residentes, gostava de participar das atividades principalmente aquelas que envolvia participação em grupo, como por exemplo durante o assuntos sobre coleta de lixo e reciclagem ele ajudou na montagem das latas de lixos com as cores específicas e também mostrou qual material descartável era referente a determinada lixeira. As aulas que ele mais gostava era a de educação física e de capoeira.

Outro ponto de crescimento foi durante a amostra pedagógica que ele participou junto com a equipe de capoeira tocando música no pandeiro e também fazendo os movimentos da luta. A criança apesar de ser não verbal, conseguia se expressar perfeitamente através dos sons e gestos. Sua socialização foi um ponto muito importante a destacar pois o aluno passou boa parte da pandemia sem contato com outras crianças e sua aceitação com os demais colegas demonstrou o quanto o apoio da família foi importante neste processo.

---

<sup>18</sup> Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade.

No decorrer do ano letivo, a professora da sala e também a cuidadora do aluno sempre comentava que a família apesar de não ter muitos recursos financeiros para pagar terapias particulares com especialistas, sempre procurava estimular a criança em casa de alguma forma. A professora ainda ressaltou que desde o dia da matrícula do aluno na escola a mãe relatou as dificuldades de acesso a especialistas por parte do município.

Inicialmente no decorrer do ano letivo a Professora e a Cuidadora do aluno destacaram através por meio do relato da mãe da criança que durante o período pandêmico<sup>19</sup> ela a mesma não frequentou a escola, como também não assistia às aulas online, a própria mãe do aluno relatou a ambas essas informações para que elas tomassem ciência das limitações, devido à Síndrome, como também as limitações acadêmicas devido a quase dois anos sem frequentar a escola, sem ter o contato com os professores e colegas de sala. Durante esse período, a mãe buscava ensinar ao seu filho, o básico, como as cores, letras e números.

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Rivanildo Sandro Arcoverde, localizada no município de Campina Grande-PB, o primeiro questionamento levantado na entrevista foi em relação à formação e perfil das entrevistadas, contava com as seguintes profissionais com os seguintes perfis, a professora regente da turma graduada em pedagogia e Especialista em educação infantil, e a cuidadora social graduanda em pedagogia.

O segundo questionamento levantado diz respeito a saber se ambas (cuidadora e professora) já trabalharam com crianças com Síndrome de Down, e a resposta foi a seguinte. A cuidadora não relatou experiência, a professora afirmou que:

Poder ensinar a alunos especiais é sempre um grande desafio, já tive a oportunidade de ensinar a um aluno com síndrome de Down, ele era um aluno não verbal, isso dificultou bastante o desenvolvimento de algumas atividades, não fazia tratamento extra escolar o que ocasionou ainda mais atrasos no seu desenvolvimento. Diante dessas dificuldades procurei elaborar atividades para desenvolver com o aluno que explorasse algumas habilidades que ele tinha como a comunicação através de imagens, o aluno entendia os comandos, porém como ele era não verbal utilizava o dedo indicador para responder e desenvolver as atividades, conseguimos avançar em alguns aspectos como no reconhecimento das letras do alfabeto, cores, nome próprio, números. O aluno apesar das limitações conseguiu alcançar algumas

---

<sup>19</sup> A covid-19 conhecida também como Corona vírus, foi uma infecção respiratória causada pelo vírus SARS-CoV-19, desencadeada no ano de 2020, devido à gravidade da doença e sua transmissão foi necessário decretar pandemia mundial e durante um bom tempo todos os serviços não essenciais não poderia funcionar, neste período as escolas funcionaram através do ensino remoto.

habilidades, mas sabemos da importância das terapias para que o resultado seja ainda mais satisfatório. (Professora)<sup>20</sup>

Ao considerarmos as palavras da professora, identificamos um ambiente desafiador para o ensino em sala de aula, corroborado por uma pesquisa realizada em 2011 intitulada "O professor e o êxito do aluno atípico em escola regular." A pesquisadora destaca a considerável dificuldade enfrentada pelos educadores ao trabalhar com alunos atípicos na ausência da devida especialização.

A inclusão é um desafio, pois para que os alunos com e sem deficiência possam exercer o direito à educação em sua plenitude, é indispensável que a escola aprimore sua prática a fim de atender a essas diferenças. Essa transformação requer a necessidade de se redefinir novas ações e práticas pedagógicas que favoreçam a todos os alunos, transferindo o foco do "ensino" para "aprendizagem". O professor precisa se atentar a descobrir a forma como a aprendizagem da criança acontece, pois o fato dele transmitir um conhecimento não quer dizer foi aprendido pelo ouvinte. (Costa, 2011, p.20)

Conforme a pesquisa para escrita da monografia do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar de Andrade (2015), reforça a necessidade da preparação dos profissionais para a inclusão de uma criança com Síndrome de Down.

Todo o cuidado na preparação da escola e conscientização dos profissionais da escola é essencial na inclusão do aluno com Síndrome de Down, no entanto, se não acontecer a quebra de paradigmas e um olhar diferenciado para esses alunos, a inclusão não se efetiva. (Andrade, 2015, p.17)

Diante deste questionamento realizado nas entrevistadas devemos compreender que é de bastante importante a capacitação tanto do professor como também do cuidador ao trabalhar com uma criança atípica, por exemplo a professora com seus 13 anos de sala já passou por diversas situações, e ao ter um aluno atípico sempre terá um novo desafio para entender qual melhor caminho para aquela criança possa aprender, como também que dentro da sua turma aquela criança faça parte daquele ambiente escolar evitando excluir, sendo necessária uma adaptação aos conteúdos para eles, como também ter a devida paciência com os resultados obtidos ao longo do ano letivo.

---

<sup>20</sup> Os textos transcritos em itálico fazem referência as falas das entrevistas a professora e cuidadora, ressaltando que houve autorização das mesmas.

A terceira questão levantada, tinha por finalidade. Qual(is) foi(ram) a(s) maior(es) dificuldade(s) no que tange o auxílio do aluno com Síndrome de Down no processo escolar? As respostas de ambas foram a seguinte:

A maior dificuldade se concentrava na fala já que ele era não verbal e também na coordenação motora, devido a coordenação motora ser limitada dificultava no processo das atividades que necessitava de colagem e associação. No início também teve a resistência do próprio aluno para aprender algo novo, por exemplo: pegar corretamente na tesoura e fazer o movimento da pinça para facilitar ao pegar o lápis. (Cuidadora)

A falta das terapias e os tratamentos necessários foram uma das maiores dificuldades, visto que através delas o aluno teria um avanço maior para atingir as competências e habilidades necessárias para seu desenvolvimento. (Professora)

Deste modo, mediante as falas das profissionais compreendemos o quanto é necessário o acompanhamento de toda uma equipe para o desenvolvimento de uma criança atípica, não apenas os conteúdos ministrados em sala que levam ao devido aprendizado da criança, mas também as terapias e acompanhamentos além da sala, contudo, o IBGE através da pesquisa realizada em 2022 mostra o quanto a população com deficiência ainda tem dificuldade do acesso à educação, saúde, trabalho e renda.

Os dados de educação, trabalho e rendimento das pessoas com deficiência mostram que essa população ainda está muito menos inserida nas escolas e no mercado de trabalho do que o restante da população.

Enquanto 93,9% das crianças sem deficiências de 6 a 14 anos frequentam o ensino fundamental, essa taxa é de 89,3% entre as crianças com deficiência na mesma faixa etária. O número fica menor entre pessoas mais velha: 71,3% das pessoas com deficiência entre 11 e 14 anos frequentam o ensino fundamental, contra 86,1% das pessoas sem deficiência. (IBGE, 2023)<sup>21</sup>

Devemos ressaltar ainda por meio das respostas das entrevistadas que esse acesso às terapias e tratamentos à família da criança dependem das ações do poder público, que em muitos momentos são limitadas e até não ofertadas para as crianças atípicas. Em muitos casos, a família, mesmo sendo participativa na escola e na educação da criança, fica limitada, pois se tem a necessidade de profissionais capacitados para fazer os tratamentos necessários a evolução do aluno. A citação a seguir destaca essa reflexão em relação à responsabilidade do poder público em

---

<sup>21</sup> MIATO; Bruno. **Brasil tem 18,6 milhões de pessoas com deficiência, cerca de 8,9% da população, segundo IBGE.** G1.COM, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/07/07/brasil-tem-186-milhoes-de-pessoas-com-deficiencia-cerca-de-89percent-da-populacao-segundo-ibge.ghtml>. Acesso em: 9 de maio de 2024.

trazer o suporte necessário, contudo, fica novamente a falha no acesso para muitas famílias carentes.

O município, enquanto poder público, tem a responsabilidade de oferecer o suporte necessário. Profissionais capacitados devem ser disponibilizados, como suporte às famílias, para informar acerca dos recursos disponíveis na comunidade. (Brasil/MEC, 2014, pg.14.)

Dando continuidade, a quarta indagação realizada foi em relação aos avanços da alfabetização da criança no decorrer do ano. O aluno teve avanços no processo de alfabetização no decorrer do ano? Se sim, quais foram esses avanços? Ambas informaram que sim e a resposta delas sobre os avanços são as seguintes falas.

*Sim. O aluno conseguiu por meio de associação usando sempre o dedo indicador, pois não possuía habilidade no pegar de pinça o que dificultou muito para realização das atividades, por isso tivemos que adaptá-las fazendo sempre associação. Com isso o aluno conseguiu avançar em alguns conteúdos. Identificando as letras do alfabeto as letras do nome próprio, os números e cores, formas geométricas, sempre associando usando o dedo indicador. (Professora)*

*Sim, sem dúvidas. O aluno já conhecia o alfabeto, não verbalizava, mas associava, mas sem nenhuma consciência fonológica. Com o incentivo da professora, da família hoje ele consegue reconhecer seu nome, palavras pelo som e já tem outras noções básicas. (Cuidadora)*

Em síntese a participação da família do aluno desde os primeiros anos de sua vida foi de extrema importância, mediante suas limitações de fala e coordenação motora a criança chegou em sala de aula já com noções do alfabeto, das cores e formas geométricas e isso foi crucial para desenvolver suas habilidades ao longo do ano. Camara e Filho (2019) mostram a importância dessa relação entre família e escola para o desenvolvimento de uma criança com síndrome de Down.

A família é o mediador primário do desenvolvimento cultural da criança, no sentido de proporcionar a ela as condições adequadas para o desenvolvimento de suas possibilidades. A educação de crianças com deficiência deve estar baseada no fato de que essa condição impõe limites ao desenvolvimento, sendo necessário investigar e descobrir as possibilidades compensatórias para que seja superada a deficiência. É necessário que as possibilidades sejam colocadas em primeiro plano para que venham a ser o ponto forte do processo educativo. (Camara; Filho, 2019, p.17)

Da quinta questão, começamos a buscar informações sobre as participações dos pais e/ou responsáveis no decorrer do ano letivo e se os pais ou os responsáveis

pelo aluno acompanhavam de forma ativa a aprendizagem dele. Ambas informaram que sim, a cuidadora ainda ressaltou:

A mãe e a irmã foram fundamentais durante o ano letivo e a professora ainda ressaltou a questão da dificuldade da família em conseguir acesso as terapias necessárias para o desenvolvimento da criança. (Cuidadora)

Ao explorar mais profundamente esse tema, através das pesquisas em artigos, as entrevistas realizadas com a professora e cuidadora do aluno e principalmente como residente pedagógica, torna-se evidente que o apoio e o envolvimento da família desempenham um papel crucial no sucesso acadêmico e no desenvolvimento social desses alunos. Esta perspectiva fortalece ainda mais a importância de uma abordagem holística e colaborativa no âmbito educacional. Mata e Pignata (2014) mostram em uma citação do artigo Síndrome de Down: aspectos históricos, biológicos e sociais, mostra que a educação é um bem enorme, pois através dela os benefícios pessoais que são produzidos perpassam a vida inteira e que não seria diferente com uma pessoa com Síndrome de Down.

Por conseguinte, a sexta pergunta vem explorar também o contexto sobre a família na escola. A família do aluno era participativa nas reuniões pedagógicas e demais momentos da escola? A resposta foi sim para as duas entrevistadas e ambas falaram que a mãe e a irmã do aluno sempre eram participativas e preocupadas com a criança em saber como ela estava e o seu desenvolvimento escolar.

Na sétima questão buscamos entender a compreensão da cuidadora e da professora no que diz respeito ao auxílio dos pais e/ou responsáveis no acompanhamento do aluno com síndrome de Down, através de suas falas é reforçado a participação da família na educação e cuidado com a criança, como podemos ver a seguir:

A participação da família era assídua na escola, e a mãe sempre em busca de conseguir as terapias para o aluno. (Cuidadora)

O incentivo em casa é muito importante seja ela na realização de atividades para casa como também no acompanhamento, sendo presente na formação do aluno. (Professora)

A relação da família e escola é fundamental na educação de um aluno com síndrome de Down, por que ambos desempenham papéis importantes em seu desenvolvimento, enquanto a família dar o suporte emocional e suporte para as necessidades específicas da criança, a escola vem com seu papel de estrutura

educacional, com o aporte dos recursos especializados e necessários para sua formação escolar? Quando ambas trabalham em parceria, o ambiente de convívio da criança se torna satisfatório e seu potencial pode ser explorado o máximo possível.

Para Camara; Filho (2015) o papel da família é importante, pois ela é o primeiro agente de socialização e promoção de seu desenvolvimento. É através dela que a criança tem seus primeiros contatos sociais, vai ser a partir dessa interação que a criança vai começar a se desenvolver cognitivamente.

Mediante o exposto à oitava e última questão realizada teve como questionamento, caso a participação da família não tivesse ocorrido, o aluno apresentaria evoluções no ambiente escolar? Ambas relataram que a participação da família foi crucial para o desenvolvimento e avanço do aluno. As falas das mesmas a seguir fazem esse aporte de quanto foi importante a relação família e escola no processo de aprendizagem do aluno, mesmo com todas as dificuldades encontradas no caminho.

Apesar de não frequentar as terapias, não por falta de interesse da família, mas pela dificuldade de conseguir, a participação da família durante todo o ano foi essencial para o desenvolvimento do aluno, mesmo que tenha sido pouco, mas foi bastante válido para que o aluno avançasse dentro das suas limitações. (Cuidadora)

Eu acredito que não. O aluno apesar de muito inteligente e gostar de participar de atividades coletivas, eu acredito que sem o incentivo, apoio de sua família isso não seria possível. Com a parceira família e escola ficou notório o avanço considerável do aluno, porque o que era ensinando na sala de aula estava sendo reforçado em casa. (Professora)

Com base nas respostas das entrevistadas, notamos a total importância que a colaboração da família e escola para o desenvolvimento da criança com Síndrome de Down. Costa (2011) cita em seu trabalho de monografia a relevância do trabalho em conjunto:

Quando há cooperação entre todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem e entre os alunos as respostas positivas estão muito mais presentes do que quando há um isolamento. A resposta positiva é muito mais presente quando há um trabalho colaborativo entre os professores, entre professores e família entre professores e alunos e entre alunos e alunos (Costa, 2011, p. 18).

Mediante o exposto através das entrevistas e também a vivência em sala de aula por parte da Residência Pedagógica foi possível notar a evolução do aluno, a cada bimestre que ia passando sua relação com a turma e seu desenvolvimento com

os assuntos abordados em sala de aula a criança mostrava significativos avanços, em muitos momentos a família auxiliava o aluno em casa nas atividades e também até nos ensaios para as festividades da escola. A confiança do aluno era positiva justamente a família dava o devido apoio e atenção em seu dia a dia.

## 5. CONCLUSÃO

A Síndrome de Down apesar de ter estudos mais aprofundados sobre o tema e desmistificado muito como ela surgiu, suas causas e como se comporta nas pessoas que possuem ainda é importante sempre colocar em pauta que ela está em nosso dia a dia, a síndrome ainda acomete muitas crianças e estas precisam de cuidados diários não apenas na parte da escola, mas também por parte da família. É preciso também refletir que ela não é uma doença e sim uma condição genética acometido durante a gestação, as crianças com Síndrome de Down possui três cargas genéticas do cromossomo 21 quando é para ser apenas duas cargas genéticas.

Através das pesquisas realizadas e a observação participante, podemos concluir que a relação da escola em consonância com a família apesar de ter avançado em diversos pontos ainda precisa percorrer um caminho longo, principalmente para que a família em um contexto geral possa compreender que não é dever apenas da escola educar os seus filhos, mas sim uma parceria de ambos os lados. Outro ponto importante também a destacar, é a inclusão dos alunos atípicos em sala de aula regular, e avanço dos direitos que os mesmos possuem e a necessidade de um espaço também para que eles possam desenvolver suas habilidades além da sala de aula como é o caso das salas de AEE.

Por conseguinte podemos dizer que o trabalho alcançado obteve um resultado bastante satisfatório, apresentando a importância que é a participação em conjunto da escola com a família, principalmente no campo da temática principal que é as pessoas com Síndrome de Down, durante todo o projeto da Residência Pedagógica foi possível perceber o quanto é importante no desenvolvimento da criança tanto emocional como cognitivo a participação de sua família, seja eles seus pais, avós ou demais responsáveis pela sua tutoria, no caso o avanço da criança com Síndrome de Down apesar de suas limitações foi bastante significativo.

Em relação aos objetivos delimitados na pesquisa, os processos que mediaram o ensino-aprendizagem da criança foram bastantes positivos, apesar do aluno sair do 1º ano fundamental sem saber lê e escrever, ele sai compreendendo por meio de associação o alfabeto, consegue fazer palavras através do alfabeto móvel e também reconhece cores, formatos e números, além de sua socialização ser destaque durante todo o ano letivo. Outro objetivo alcançado foi que ao identificar os pontos positivos que a família desempenha dentro e principalmente fora da escola é muito importante

para a alfabetização da criança, o interesse em buscar ajuda dos professores outros profissionais para o desempenho do seu filho mostra também o quanto é importante o apoio emocional para o desenvolvimento da criança, ele vai se sentir mais confiante e determinado a aprender o que for passado em sala de aula e em casa. E por último quando analisado os prejuízos que a não participação da família trás é justamente torna uma criança insegura e emocionalmente desestabilizada, seus rendimentos são baixíssimos e sua interação com as outras crianças e professores é menor, muitos deles não tem o desenvolvimento favorável.

Através dos relatos observou-se uma evolução na aprendizagem do educando que recebeu apoio familiar. A evolução do aluno apesar de aparentemente ser lenta, foi crucial em diversos pontos, nos primeiros contatos ele tinha uma certa resistência em fazer as atividades, ressaltando que elas eram adaptadas para suas condições e limitações. Já no primeiro bimestre, o aluno teve uma grande melhora, como aos poucos conseguir fazer seu nome por meio de associação das letras acompanhado da cuidadora. Durante as atividades desenvolvidas pelas residentes em sala, sempre tínhamos o cuidado de incluí-lo para participar das atividades, principalmente para que sua socialização com os colegas fosse melhorando. A professora sempre teve o cuidado devido adaptar as tarefas conforme suas limitações, e sua cuidadora sempre buscava estimular o avanço, porém, o desafio maior sabemos que vai além da escola, mas em saber se em casa ele também está praticando e revisando estas atividades.

Além disso, a família da criança sempre buscava em casa fazer os estímulos necessários, as tarefas escolares entre outros, o que foi bastante significativo para o seu desenvolvimento, contudo, um ponto negativo que precisamos citar é que mesmo com todos os estímulos da família com a escola, tem certos momentos que a intervenção de outros profissionais também seria importante, como no caso dele, precisaria de um fonoaudiólogo para estimular a fala, terapeuta, psicóloga, fisioterapeuta para exercícios de estímulo motor e o fato da família não conseguir estes recursos dificultou muito seu processo de aprendizagem. É preciso deixar claro que cabe também aos órgãos municipais oferecer, além do ensino de qualidade na inclusão escolar para crianças atípicas, como também os recursos necessários para seus tratamentos.

Como residente uma atividade que surpreendeu a todos logo no início do ano foi a dinâmica do tapete geométrico, durante as aulas sobre as formas geométricas planas, que por meio de duplas os alunos tirava uma forma geométrica do saquinho e

tinham que ir exatamente para ela até chegar no final e vencer a rodada, todas as formas que o aluno tirou acertou demonstrando uma boa percepção da sua memória fotográfica para reconhecer as formas geométricas corretas, como também na atividade feita em sala junto do auxílio da cuidadora ele conseguiu desenvolver as colagens corretas das formas.

Conseqüentemente, em relação à socialização nos eventos sociais, o primeiro evento, que foi o Dia das Mães o aluno participou a todo momento da coreografia, mesmo com as dificuldades limitadas na localização espacial, ele desenvolveu os passos corretamente. Assim como também durante o evento de São João da Escola. Já no primeiro semestre do ano letivo teve avanços da criança principalmente na parte de socialização com os demais alunos e pessoas da escola e estes eventos a família participou de forma assídua sempre colaborando também com os ensaios em casa e preparando emocionalmente a criança para os eventos.

Durante o segundo semestre foi trabalhando as letras, cores e sons com a criança, assim como foi relatado na entrevista, ele tinha bastante dificuldade em fazer o movimento da pinça para pegar corretamente no lápis, a falta de acesso de terapia e fisioterapia para a criança dificultam de certa forma esses pequenos passos no seu desenvolvimento. Durante a amostra literária da escola o aluno por gostar muito da atividade de capoeira participou do momento da apresentação da roda na escola tocando o pandeiro, a todo momento ele não mostrou resistência ou querer desistir daquela apresentação, assim como o último evento da turma que foi a formatura do ABC <sup>22</sup> o aluno participou de toda a coreografia da dança de apresentação e valsa com os pais.

Durante o projeto da Residência Pedagógica pode acompanhar e também participar ativamente do desenvolvimento da criança durante o ano letivo, ao trazer atividades para ele como por exemplo de associação de letras e números apenas com os comandos ele fazia perfeitamente, o aluno não tinha habilidades na escrita pois possuía grandes dificuldades em segurar o lápis, contudo se colocássemos as letras embaralhadas na mesinha dele e falasse para ele montar determinada palavra, a criança fazia sem nenhuma dificuldade. Outro ponto como residente é que as tarefas que fazíamos para levar para sala era também pensada se ele poderia participar de

---

<sup>22</sup> A formatura do ABC é um evento importante para as crianças, pois celebra uma etapa importante na vida deles que é, a alfabetização, que ocorre no 1º ano do Ensino Fundamental, anos iniciais, geralmente são crianças por volta dos 5 ou 6 anos.

alguma forma, para que não tivesse a exclusão com os demais, nos ensaios para os eventos da escola a criança em questão sempre era bastante participativa e conseguia desenvolver os passos de coreografias perfeitamente como os demais. A visão como residente trabalhando em uma sala de aula com uma criança com síndrome de Down foi magnífica pois quando for trabalhar futuramente como professora regente em uma turma terei uma maior desenvoltura com as crianças que possui mais atenção para as atividades do dia a dia.

O programa da Residência Pedagógica é primordial para um aluno que faça licenciatura, pois o mesmo terá a oportunidade de vivenciar durante pelo menos 6 meses até 18 meses a prática no dia a dia com alunos desde a alfabetização até mesmo alunos do EJA<sup>23</sup>, diferente do Estágio obrigatório da faculdade, na residência você tem a oportunidade de toda semana participar dos planejamentos com a professora regente, dos eventos da escola como amostras pedagógicas, além de ter a experiência do domínio em sala quando se aplica as atividades com os alunos. Demandas que com o Estágio Obrigatório em muitos momentos não são realizados devido ao pouco tempo de contato com as escolas que vai desempenhar o cronograma da disciplina.

Em suma através dos relatos nas entrevistas e o dia a dia em sala como Residente Pedagógica, conclui-se com esta pesquisa que a escola e a família devem ser parceiras e estarem juntas na construção da educação da criança, o avanço de uma criança atípica, apesar de em muitos momentos ser limitados e devagar, quando estimulado também em casa é possível ter muitos resultados positivos.

Diante disso, a criança em questão na pesquisa, a família sempre buscou todos os esforços possíveis no seu desenvolvimento, mais a maior limitação em primeiro lugar foi a financeira, por suas condições ser limitadas para pagar os tratamentos particulares eles ficavam à mercê da ajuda do município que por sua vez não contribuía devidamente de forma correta, desta forma a família e também a escola buscava meios de desenvolver as habilidades da criança, porém, caso o aluno tivesse todo o aparato das terapias e tratamentos com fonoaudiólogo, fisioterapeuta dentre outros profissionais, seu desenvolvimento iria ter uma grande melhoria. Podemos ressaltar que mesmo por meios limitados de recursos da escola e da família a criança em seu ano letivo de 2023 teve um salto bastante satisfatório, caso esta relação

---

<sup>23</sup> Educação de Jovens e Adultos.

continue a pendurar da mesma forma, a criança tem grandes chances de sempre apresentar avanços em seu processo de ensino-aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, N. M. P. **FAMÍLIA E ESCOLA EM PARCERIA NA INCLUSÃO DO ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN**, 2015, Monografia Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano. Brasília, UAB/UNB, 2015.

ANHÃO, P. P. G.; PFEIFER, L. I.; SANTOS, J. L. **INTERAÇÃO SOCIAL DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN NA EDUCAÇÃO INFANTIL**, Scielo, 2010, Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/Zp9WPjxhLMKDnBX3ZgWN9Tk/>, Acessado em: 2 fev de 2024.

BORGES; L. P. C.; CASTRO, P. A. **A ETNOGRAFIA DA ESCOLA: ENTRELAÇANDO VOZES, SUJEITOS, CONHECIMENTOS E CULTURAS**, Periferia: Educação, Cultura e Comunicação, Rio de Janeiro, vol. 11, núm. 2, pp. 404-423, maio/ago,2019.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. art .93 da Lei nº 8.213/91, 24 de julho de 1991, Brasília, DF.

BRASIL. Lei nº9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes bases da educação nacional. Brasília, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Lei nº 14.306/22, 3 de março de 2022, Brasília, DF.

CAMERA, F.; MORAIS, D. **A família e o desenvolvimento da criança com Síndrome de Down**, CEUB Educação Superior, 2019. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/12816>, Acesso em: 10 de maio de 2024.

CARVALHO, F. A. N. **Impacto da relação entre família e escola no desempenho acadêmico do aluno**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03, Ed. 08, Vol. 13, pp. 111-139, agosto de 2018.

COSTA, S. M. G. **O PROFESSOR E O ÊXITO DO ALUNO ATÍPICO NA ESCOLA REGULAR**, 2011. Monografia Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano. Brasília, UAB/UNB. 2011.

JESUS, A. C. S.; SANTOS, L. F. D. ARAÚJO, R. L. de S. **OS DESAFIOS DA INCLUSÃO ESCOLAR NA SALA DE AULA**, 2021, Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia, Minas Gerais, Alfa Unipac, 2021.

MACHADO, K. C. dos S. **O EFEITO DA AUSÊNCIA E PRESENÇA DOS PAIS/RESPONSÁVEIS NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO ESCOLAR INFANTIL**, 2021, Disponível em: [https://www.repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2373/1/2021\\_arti\\_ke llenmachado.pdf](https://www.repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2373/1/2021_arti_ke llenmachado.pdf), acesso em: 4 de maio de 2024.

MATA, C. S. da; PIGNATA, M. I. B. **Síndrome de Down: Aspectos históricos, biológicos e sociais**. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/80/o/TCEM2014-Biologia-CeciliaSilvaMAta.pdf>. Acesso: 25 de jan de 2024.

Ministério da Saúde: Departamento Científico de Genética, **DIRETRIZES DE ATENÇÃO À SAÚDE DE PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN**, 2020.

Ministério da Educação: Secretaria da Educação Especial, **A Escola**, v.3, Brasília, 2004.

Ministério da Educação: Secretaria da Educação Especial, **A Família**, v.4, Brasília, 2004.

MOREIRA, L. M. de A.; EL-HANI, C. N. Gusmão; Fábio Alexandre Ferreira, **A síndrome de Down e sua patogênese: considerações sobre o determinismo genético**, Revista Brasileira de Psiquiatria, jun de 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/3308>, Acesso em: 10 fev de 2024.

PIMENTEL, S. C.; CASTRO, A. S. **Atendimento educacional específico Síndrome de down: desafios e perspectivas na inclusão escolar**, Scielo, 2008, Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/7MT8XR7d83GG4zZyBjVn7ns/>, Acesso em 10 de fev de 2024

RODRIGUES, M. B. B. S. **A RELAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO**, 2021. TESE (Dissertação) Mestrado em Educação, Dourados, 2021, UFGD. Secretaria de Estado de Educação do Estado do Mato Grosso do Sul- SEDMS, Cartilha Síndrome de Down, Campo Grande, 2019.

Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação, **SÚMULA: POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**, Campinas, vol. 28, n. 75, p. 269-273, 2008.

Secretaria de Educação Especial, **POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**, Brasília, 2008.

SOUZA, A.C *et al.* **EDUCAÇÃO INCLUSIVA: ENTRE O IDEAL E A REALIDADE**. Jales. Edição V, 77-90, 2012. Disponível em: <https://reuni.unijales.edu.br/edicoes/9/educacao-inclusiva-entre-o-ideal-e-a-realidade.pdf> . Acesso em: 10 jun 2024

SOUZA, D. C. de; BRINGEL, M. F. A. **Educação Inclusiva: Principais Dificuldades no Processo de Ensino e Aprendizagem no Ambiente Escolar**. *Id on Line Rev. Psic.*, outubro/2023, vol.17, n.68, p. 460-472, ISSN: 1981-1179.

TRENTIN, F. E.; SANTOS, V. L. P. DOS. **Aspectos gerais da síndrome de down: Ama visão biológica**. *Cadernos da Escola de Saúde*, v. 1, n. 9, 3 mar. 2017. WUO; Andréa Soares. **A construção social da Síndrome de Down**. *Cad. psicopedag.* 2007, vol.6, n.11.

TRIVINOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A Pesquisa Qualitativa em Educação**. São Paulo: Editora Atlas, 1987.

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**, 4<sup>o</sup> ed. São Paulo: Editora Ltda, 1991.

VYGOTSKY, L.S.; LURIA, A.R.; LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 12<sup>o</sup> edição. São Paulo: Editora, 11<sup>o</sup> ed. São Paulo: Editora, Icone, 2010.

## **APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA APLICADA COM A PROFESSORA**

1. Qual a sua formação? Quanto tempo leciona?
2. Já trabalhou com outros alunos com síndrome de Down? Se sim, descreve brevemente como foi a experiência.
3. Qual(is) foi(ram) a(s) maior(es) dificuldade(s) no que tange a alfabetização do aluno com Síndrome de Down?
4. O aluno teve avanços no processo de alfabetização no decorrer do ano? Se sim, quais foram esses avanços?
5. Os pais e/ou responsáveis por esta aluno acompanhavam de forma ativa a aprendizagem do mesmo?
6. A família do aluno era participativa nas reuniões pedagógicas e demais momentos da escola?
7. Descreva a importância que família teve no acompanhamento do aluno?
8. Caso não houvesse tido a participação da família, você acredita que o aluno teria evoluído?

**APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA APLICADA COM A CUIDADORA SOCIAL**

1. Qual a sua formação? Quanto tempo trabalha como Apoio Escolar?
2. Já auxiliou outros alunos com síndrome de Down? Se sim, descreve brevemente como foi a experiência.
3. Qual(is) foi(ram) a(s) maior(es) dificuldade(s) no que tange o auxílio do aluno com Síndrome de Down no processo escolar?
4. O aluno teve avanços no processo de alfabetização no decorrer do ano? Se sim, quais foram esses avanços?
5. Os pais e/ou responsáveis por esta aluno acompanhavam de forma ativa a aprendizagem do mesmo?
6. A família do aluno era participativa nas reuniões pedagógicas e demais momentos da escola?
7. Descreva a importância que família teve no acompanhamento do aluno?
8. Caso não houvesse tido a participação da família, você acredita que o aluno teria evoluído?

**ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).****UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-UEPB  
CENTRO DE EDUCAÇÃO****DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

Prezado(a) Professor(a)

Convidamos Vossa Senhoria, para participar da pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado: **“A influência do apoio familiar no processo de alfabetização da criança com Síndrome de Down: Uma análise com base na experiência da residência pedagógica.”** Que está sendo desenvolvida por Jordana de Sousa Pessoa, aluna do Curso de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação do Prof. Diego Lima dos Santos Silva, e tem por objetivo mostrar a relevância que a família tem na participação do processo escolar de uma criança com Síndrome de Down. Assim, esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) Senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com atividades solicitadas pelo pesquisador. Caso decida não participar do estudo ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, e todos os dados fornecidos até então serão excluídos e não aparecerão no estudo em destaque.

Por fim, agradecemos a sua colaboração para responder este questionário, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo na metodologia no meu TCC. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Estarei à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

(  ) estou de acordo: \_\_\_\_\_

(  ) Não estou de acordo.

Data: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_